

---

## ESCALAS ENQUANTO EPISTEME: PERSPECTIVA DE ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO E IMPACTOS SOCIAIS AMBIENTAIS

**Rafael Ademir Oliveira de ANDRADE<sup>1</sup>**

1. Centro Universitário São Lucas, Porto Velho-RO, Brasil. – rafael.andrade@saolucas.edu.br

### Artigo apresentação da Edição

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a escala enquanto episteme de análise conceitual e metodológica do desenvolvimento enquanto práxis histórica e cultural que perpassa os grupos sociais em diferentes esferas e naturezas do poder. Compreendemos que esta perspectiva permite também uma análise sobre os impactos sociais e ambientais que permita relacionar atores locais, regionais, nacionais e internacionais aferindo a complexidade que está na natureza nesses empreendimentos. Nossa metodologia é a revisão bibliográfica narrativa que permite uma análise fluída aos autores que permeiam o tema e temos como autor central o professor Carlos Brandão e a partir das reflexões deste construímos nossa rede de autores analisados. Por fim concluímos que há conexões de análises em escalas em diversos autores e que essa visão sobre os objetos desenvolvimento e impactos requer uma visão multireferencial e interdisciplinar e que as escalas atendem esse requerimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escalas. Epistemologia. Desenvolvimento. Impactos.

### **INTRODUÇÃO**

Este texto tem como objetivo estabelecer uma reflexão sobre a leitura em escalas enquanto procedimento de análise de impactos sociais e ambientais. Colocamos, em nosso título, a necessidade de pensar acerca do desenvolvimento longe de localismos e dados isolados, como pensar a partir de apenas uma forma de empreendimento ou de números não representativos como o Produto Interno Bruto, o que é permitido pela adoção da escala enquanto postulado analítico e organizador aos dados do campo da pesquisa.

Enquanto episteme, as Escalas permitem uma relação intrínseca com o objeto de estudo em sua natureza, limites e peculiaridades ao proporcionar um enfrentamento conectado do que é desenvolvimento, levando em consideração a interdisciplinaridade e intercausalidade do conceito e da práxis decorrentes das práticas (acadêmicas ou não) da reflexão sobre o mesmo. Essa perspectiva epistemológica busca aproximar as teorias e práticas ao reconhecer as diferentes forças sociais que impactam sobre os territórios e evitando postular a partir de contextos focalizados.

No que tange à metodologia decorrente desta postura epistemológica, a análise em Escalas se orienta por conectar dados aferidos em diferentes esferas e naturezas de ações. Adotar tal ação nos permite, enquanto pesquisadores, investir em procedimentos metodológicos diversos desde que a tratativa dos dados coletados estejam atrelados à essa perspectiva. Buscando a densidade na interpretação dos processos culturais (GEERTZ, 1989) onde uma hierarquia estratificada e inter relacionada de eventos são considerados e analisados

---

no que tange as categorias culturais e ações/reações dos agentes sociais envolvidos no processo de interpretação de territórios e territorialidades.

O presente trabalho é uma reflexão sobre a possibilidade de inferir sobre o objeto a partir da análise em escalas das estruturas que estão sobrepostas e se relacionando entre si em suas diferentes escalas. Assim, a metodologia adotada neste texto é a revisão bibliográfica do tipo narrativa, focando na construção de uma percepção sobre a postura epistemológica que pode ser adotada pelo pesquisador que partir da metodologia de Escalas como análise e enfrentamento do seu objeto.

## **MATERIAL E MÉTODO**

A revisão bibliográfica do tipo narrativa possui características que a aproxima dos demais tipos de revisão de literatura, com o aspecto diferenciado que serve para aproximação ou delimitação mais clara do tema a ser pesquisado. Possui como principais características: (ROTHER, 2007) uma questão ampla que orienta o levantamento das fontes, as fontes podem ser especificadas ou não, tendo a avaliação das fontes escolhidas de acordo com o potencial qualitativo do mesmo, possibilitando ao pesquisador desenvolver uma aproximação inicial que pode, em outro momento, se orientar para uma revisão mais sistematizada.

Apesar de sua variabilidade, se torna importante (ou até mesmo inevitável) quando se trata da pesquisa em si, pois partimos do ponto que toda pesquisa requer essa aproximação inicial. No caso deste projeto, o tema buscado foi “metodologia de escalas” de análises territoriais e desenvolvimento e como trajeto de levantamento partimos do ponto um os trabalhos do professor Carlos Brandão (2007) e dialogando com autores que o mesmo estabelece contato em seus escritos, compondo assim a teia de autores levantados nesta revisão.

## **ESCALA E DESENVOLVIMENTO**

Importante salientar que utilizamos a referência de Foucault (2002) para definir a episteme, colocando-a nos limites as ciências em um determinado momento histórico, somando métodos, teorias, práticas e reflexões sobre os objetos de pesquisa. Neste contexto, as escalas podem ser analisadas enquanto episteme - perspectiva ou racionalidade - de compreensão de objetos complexos e postura do pesquisador frente as teorias, métodos e

---

práticas.

Esclarecido isto, iniciemos com a discussão acerca da negação de análises do que é desenvolvimento que partam de pressupostos unicausais ou de agentes únicos. Assim, rompemos com o localismo ou de ações supraterritoriais (BRANDÃO, 2007) na análise dos impactos, perfazendo um trajeto de análise que busque descrições densas e interdisciplinares na análise destes. Comprendemos que os impactos ocorrem em escalas e a partir de agentes sociais diferentes sobre o mesmo território e sujeitos coletivos, nem somente em esferas locais ou somente nacionais, mas impactam entre si.

Ao pensar a análise em escalas, o pesquisador reflete acerca dos espaços construídos enquanto dependência e contato e a partir de redes de interação, recusando a postura de áreas ou políticas isoladas (JONES, 1998). Os espaços de dependência se relacionam as existências dos sujeitos e suas significações culturais e políticas e os espaços de contato comportam as redes de contatos das diversas interações relacionadas.

Assim, quando estudamos os impactos nas Terras Indígenas, por exemplo, devemos considerar os aspectos relacionais dos povos que ali residem, aos invasores, aos agentes estatais e privados, de caráter local, nacional ou internacional e as relações que esses agentes estabelecem, de forma diferenciada, com tal território. Ainda neste exemplo, cada agente coletivo ou individual irá atribuir à Terra Indígena um significado econômico, cultural e político, estabelecendo usos e processos de ocupação diferenciados para a mesma.

Os agentes migram de posições locais para nacionais ou internacionais de acordo com suas orientações políticas, tendo diversas representações ideológicas como motriz desse movimento, tais como “lucrabilidade”, “etnia”, “povo”, “estrangeiros”, “nacionais” e “desenvolvimento” (ESCOBAR, 2007), especialmente quando se fala de invasões, licenciamentos acelerados e ataques (físicos ou simbólicos) à integridade dos que residem em tais territórios.

Por exemplo, no que tange as invasões de Terras Indígenas os diversos agentes envolvidos podem ter perspectivas diferentes: os povos indígenas tem como marcador referencial a ancestralidade cultural e defesa da sua terra ao passo que os não-indígenas tendem a ver as terras indígenas como empecilhos ao tão desejado “desenvolvimento”, conceito quase exclusivamente definido por ideologias.

A perspectiva de análise de escalas pressupõe que as interconexões entre agentes locais, nacionais e internacionais é requer um múltiplo levantamento de dados que possam fornecer informações sobre as individualidades e relações dos envolvidos e que, na análise

---

dos mesmos essas naturezas não sejam isoladas, mas sim relacionadas amplamente. Devemos pensar, na reflexão teórica, no campo e na análise de dados, que os territórios se interconectam em eventos locais, nacionais e globais (JONES, 1998). Assim, os empreendimentos em suas diversas escalas impactam nos territórios, tornando importante revitalizar a discussão sobre território e desenvolvimento.

A episteme aqui tomada na compreensão do fenômeno desenvolvimento regional e os impactos inter relacionados passa pela compreensão que a análise dos impactos causados pelo capitalismo enquanto elemento que perpassa todas as escalas torna-se o estudo dos movimentos pelo quais comunidades locais se utilizam para adaptar ou resistir ao movimento do capital (THEIS, 2010).

Citamos como exemplo os projetos estruturais do IIRSA/PAC que geram empreendimentos que em larga escala respondem aos processos de inserção de políticas internacionais - a posição de distribuidor de commodities do Brasil - e nacionais - a energia elétrica como governabilidade e impulso da saída do Brasil do terceiro mundo (ESCOBAR, 2007) - na rede regional, levando aos sujeitos desta estrutura resistirem e se adaptarem aos processos que ocorrem apesar das resistências. Assim, impactos e resistências estão interconectados nas diferentes escalas tanto na práxis quanto no processo de organização lógico-racional do pesquisador que assume tal episteme.

Essa perspectiva perpassa as discussões sobre desenvolvimento e sustentabilidade quando pensamos possibilidades de resistência aos avanços de um sistema mundo capitalista que amplamente se coloca contra tal sustentabilidade entre produção e desenvolvimento, Klaus Frey (2001) afirma que os sistemas políticos nacionais e internacionais e suas relações com o local/regional se mostram despreparados para traduzir as demandas de uma perspectiva ambientalista na construção de modelos alternativos de desenvolvimento, sendo que os impactos causados são inter relacionados nas diferentes escalas (citadas por Frey como internacional, nacional e locais), as respostas deveriam ser também conectadas.

Ainda em tempo, apontamos outros dois exemplos da discussão sobre desenvolvimento e América Latina a partir da segunda metade do século XX que requerem o posicionamento em escalas: o Banco Mundial, divulgador do modelo liberal econômico de desenvolvimento, aponta que suas intervenções financeiras devem remontar em reformas estruturais nacionais e no aumento de projetos que impactem nas esferas locais (FREY, 2001) e o posicionamento dos Estados Unidos da América com relação ao financiamento para desenvolvimento da América Latina (ESCOBAR, 2007), partindo sempre da geração de

---

empregos, venda de matéria prima (commodities) e abertura ao mercado industrial internacional (especialmente norte americano), se posicionando contra a criação de fortes estruturas industriais nacionais no continente.

Os dois exemplos, dois de muitos possíveis, explicitam a necessidade histórica e contemporânea de pensar desenvolvimento a partir das escalas de análise dos objetos, evidenciando inter relações ao se pensar economias nacionais e locais a partir da intermediação de organismos internacionais como entidades financeiras ou outros Estados.

## CONCLUSÃO

Estamos frente a um novo paradigma que se instaura com a mundialização do sistema capitalista e que se torna uma condição a ser superada por pesquisadores, ambientalistas e agentes públicos que buscam pensar as contradições entre desenvolvimento e sustentabilidade social-ambiental. Esse paradigma parte do pressuposto que o Estado contemporâneo está perdendo sua capacidade de conduzir com total hegemonia as políticas sociais, as redes entre Estados, entre Estados e organismos financeiros, entre organizações civis de resistência e avanço da deterioração das relações ambientais, agendas extra e indo sociais (FREY, 2001) que agora perpassam, de forma relacionada, múltipla e complexa, os empreendimentos e impactos nos tecidos ambientais e sociais das regiões.

Assim, é importante (do ponto de vista político, metodológico e do campo de pesquisa) compreender que a interdependência entre as escalas impactam diretamente sobre padrões de sustentabilidade ambientais e sociais (FREY, 2001) e estão conectados ao processo de avanço e resistência ao modelo capitalista que parte da imposição de estruturas definidas externamente, e aceitas pelas seções do poder interno, onde seções diferentes do poder estarão em conflito pela hegemonia do uso desses espaços.

Este trabalho apresenta uma perspectiva para a análise do desenvolvimento enquanto campo de análise e de práticas políticas, teóricas e existenciais dos sujeitos. As escalas permitem maior compreensão dos impactos, resistências e organizações na busca ou manutenção das redes. Assumir tal perspectiva é refletir sobre a própria episteme do termo “desenvolvimento”, questão de dissertamos neste breve texto.

---

## **SCALES AS EPISTEME: PERSPECTIVE OF DEVELOPMENTAL ANALYSIS AND ENVIRONMENTAL SOCIAL IMPACTS**

**ABSTRACT:** The present work aims to reflect on the scale as episteme of conceptual and methodological analysis of development as a historical and cultural praxis that permeates social groups in different spheres and natures of power. We understand that this perspective also allows an analysis of the social and environmental impacts that allows to relate local, regional, national and international actors, assessing the complexity that is in nature in these enterprises. Our methodology is the narrative bibliographical revision that allows a fluid analysis to the authors that permeate the theme and we have like central author Professor Carlos Brandão and from the reflections of this one we constructed our network of analyzed authors. Finally, we conclude that there are connections of analysis at scales in several authors and that this view on the objects development and impacts requires a multireferential and interdisciplinary view and that the scales meet this requirement.

**KEYWORDS:** Scales. Epistemology. Development. Impacts.

---

### **REFERÊNCIAS**

BRANDÃO, C. **Território e Desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

ESCOBAR, A. **La Invención del Tercer Mundo: Construcción e desconstrucción del desarrollo**. Caracas: Editorial El perro y la rana, 2007.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. 6 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FREY, K. A dimensão político-democrática nas teorias de desenvolvimento sustentável e suas implicações para a gestão local. **Revista Ambiente & Sociedade**. Ano IV, n. 9, Dezembro, p.01-27, 2001.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. LTC: Rio de Janeiro, 1989.

JONES, K. T. Scale as Epistemology. **Political Geography**. Great Britain, V. 17, n. 01, p. 25-29, 1998.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática x Revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, Abril, p. 01-05, 2007.

THEIS, I. M. Escalas e Políticas do Desenvolvimento Regional: para pensar o desenvolvimento regional na América Latina desde o ponto de vista Latino-Americano. São Paulo: **Desenvolvimento em Questão**, ano 8, n. 16, 2010.